

# CARA DE ÍNDIO: DIFERENTES VISÕES SOBRE OS XUKURU-KARIRI EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS

**Brunemberg da Silva Soares**  
**José Adelson Lopes Peixoto**  
**Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)**  
[Brunemberg@hotmail.com](mailto:Brunemberg@hotmail.com)  
[adelsonlopes@uneal.edu.br](mailto:adelsonlopes@uneal.edu.br)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é realizar um estudo das diferentes visões e concepções imagéticas sobre os Xukuru-Kariri do município de Palmeira dos Índios, analisando a utilização da imagem de um índio “exótico” como atrativo comercial e turístico, ligado diretamente com a fundação da cidade, ou seja, fazendo referência aos índios do “passado”, em contraste com a negação dos índios de hoje, bem como discutir sobre a visão que a população não-indígena tem a respeito dos índios. Ainda, propõe-se fazer um estudo das peças indígenas expostas no Museu Xucurus e da estatuária existente em espaços públicos; como continuidades do imaginário local em relação aos Xukuru-Kariri. Este trabalho será feito a partir de pesquisa de campo, baseada em entrevistas com moradores da cidade e índios Xukuru-Kariri (aldeados e desaldeados), fundamentada em pressupostos teóricos como os de Laraia, Cancline, Oliveira, Peixoto, Martins, Silva Júnior, Ribeiro, Da Matta, Barros e Silva, que norteiam o percurso teórico e embasam o diálogo com o trabalho de campo sobre a imagem que se tem dos índios pesquisados no município.

**Palavras-chaves:** Estereótipos. Imagem. Índio.

## Considerações Iniciais

Palmeira dos Índios é um município do agreste alagoano, distante cerca de 130 km da capital, Maceió, fazendo divisa com o estado de Pernambuco ao norte e com a região do sertão alagoano a oeste. Sua economia é baseada na agricultura familiar, e na agropecuária concentrada nas mãos de grandes latifundiários. Conhecida como a "Princesa do Sertão"<sup>1</sup>, já teve como prefeito o famoso escritor brasileiro Graciliano Ramos.

Em meados do século XVIII, as terras do Município constituíam-se de um aldeamento dos índios Xukuru, localizado entre matas, serras, brejos e palmeirais. Por isso, em apologia a abundância de Palmeiras e de seus primeiros habitantes, deu-se o nome da cidade; Palmeira dos Índios.

Um dos pontos cruciais da história deste município está no ano de 1770, quando um padre português chamado de Frei Domingos de São José chegou ao aldeamento com a

---

<sup>1</sup>Esse título se deu em decorrência da importância econômica exercida pela cidade até os anos 60 do século XX, quando produzia algodão e as ferrovias escoavam sua produção à capital.

missão de converter o povo que ali vivia. Três anos depois, o religioso obteve de Dona Maria Pereira Gonçalves, proprietária da sesmaria de Burgos, uma doação de meia légua de terras para a edificação de uma capela, dedicada ao Senhor Bom Jesus da Boa Morte. Posteriormente, o padroeiro foi substituído por Nossa Senhora do Amparo, quando da mudança de local da igreja matriz.

Em 1798, foi criada a freguesia de Palmeira dos Índios, e à medida que o povoado crescia os homens brancos iam delimitando posses e tirando dos índios um espaço que sempre fora seu. A cerca tirou mais do que o direito ao uso livre do território, tirou o direito a um lugar de pertença, um lugar com o qual os índios já haviam desenvolvido um sentido de territorialidade.

No ano de 1821 os índios pediram ao Presidente da Província das Alagoas, um pedaço de terra onde pudessem trabalhar. No ano seguinte, foi determinada a demarcação dessas terras, mas tal direito nunca lhe fora bem assegurado, os conflitos por terras passaram a fazer parte da história do município, envolvendo índios e fazendeiros locais.

Os antigos telhados de palhas deram lugar às telhas de barro (alvenaria), pois muitas malocas foram incendiadas por fazendeiros na tentativa de expulsar o índio de sua casa. O conflito pela terra ia sendo cada vez maior, e com a instauração da República o aldeamento foi extinto, o índio agora não tinha mais direito a terras, continuava sendo perseguido e sofrendo ameaça, dizer-se índio era pedir para ser morto ou sofrer retaliações.

Neste momento surge à necessidade de esconder-se, tornar-se invisível, ocultar seus costumes, para assim poder sobreviver, levando a uma suposta inexistência de índios na região. Porém, a ‘inexistência’ de índios (silenciados), além de fazer com que estes se adaptassem à sociedade no seu entorno, foi usada com argumento nos discursos dos fazendeiros/posseiros dessas terras como fator descaracterizador da existência de índios nessa região.

Com o passar dos anos, os indígenas foram perdendo espaço e voz na sociedade envolvente, devido ao discurso de sua inexistência e ao imaginário de um índio exótico, literário, propagado nas mentes da população não indígena. Surge então a necessidade de uma afirmação étnica entre os Xukuru-Kariri.

### **O Real e o Imaginado: o índio no contexto atual**

Ao analisar o quinto centenário da chegada dos portugueses às terras que formariam o Brasil, discutindo as implicações que tal data traz consigo, os significados e as

discussões, John Manuel Monteiro afirma que “[...] ainda sabemos pouco sobre a história desses povos e, pior, que o imaginário brasileiro continua povoado de graves distorções e preconceitos a respeito dessas populações.” (MONTEIRO, 1999)

Grande parte da visão estereotipada que algumas pessoas têm atualmente sobre os índios é resultado de discursos e ideologias criadas durante a colonização brasileira. Já nos primeiros contatos entre os europeus e os ‘exóticos’ nativos das terras americanas iniciou-se a construção de uma imagem distorcida e ofuscada dos povos indígenas das terras que constituiriam o Brasil.

É justamente na colônia, com as missões e os aldeamentos, que o discurso justificador do europeu, ancorado nas distorções citadas por Monteiro, começa a ganhar força, passando, para a sociedade, imagens distorcidas sobre o índio. Citados na história oficial sempre a partir de alguma denominação simplista e reducionista, os índios foram excluídos da historiografia ‘oficial’, salvo em momentos que interessassem à exaltação do mito da miscigenação, sendo considerados povos que caminhavam para o desaparecimento.

Incompreendidos e desrespeitados, os índios são expulsos de suas terras e negados como agentes sociais e históricos ativos. Em Palmeira dos Índios não foi diferente, com a chegada de não-índios à área que atualmente constitui a cidade, iniciou-se o processo de invasão e tomada das terras dos Xukuru-Kariri, que estavam aldeados. Despojados de suas propriedades, quando da extinção dos aldeamentos (1889), os índios de Palmeira, “desceram” das serras onde tradicionalmente habitavam para a planície, lugar onde os não-índios haviam ocupado.

Todavia, mesmo sendo obrigados a viver em um ambiente que lhes era hostil, onde a prática de suas tradições resultava em preconceito e perseguição, os Xukuru-Kariri conseguiram sobreviver e ressignificar seus costumes em um meio em que suas vestes sagradas, seus rituais e seus maracás eram vistos com indiferença, sendo os índios acuados, forçados a viver em um estado de silenciamento (invisibilidade), que consistia em não transparecer o pertencimento a um grupo étnico ‘diferente’, a fim de diminuir ou mesmo acabar com a perseguição. (SILVA JÚNIOR, 2013)

Somente na primeira metade do século XX a questão dos Xukuru-Kariri passa a ser discutida e os índios começam a ‘ressurgir’, lutando por seus direitos. Com o envio do sertanista Crispim Selestino, a pedido do Marechal Rondon, para analisar as condições de vida dos índios da cidade de Palmeira, nesse momento foi realizada uma reunião que contou com a presença de 450 índios. A respeito do silenciamento, enquanto estratégia

para a sobrevivência cultural, bem como forma de resistência e ressignificação, Michael Pollak afirma que:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a honra da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989, p. 5)

O processo de ‘emergência étnica’ dos Xukuru-Kariri de Palmeira dos Índios ganha força em 1952, a partir de tentativas do Cacique Alfredo Celestino e do Mons. Alfredo Dâmaso em formar um aldeamento, juntamente com a ajuda do SPI, destacado na figura do Marechal Candido Rondon, e de índios do Paraná e de outras localidades, os índios de Palmeira conseguem adquirir a propriedade da Fazenda Canto, e fundar a primeira aldeia Xukuru-Kariri do período posterior à invasão de seu território.

Desse momento em diante, os Xukuru-Kariri se organizariam em retomadas territoriais no local que antes lhes pertencera, visto que as terras que possuíam não eram suficientes para o sustento de todos. Aconteceram cinco retomadas territoriais, sendo a última no ano de 2008, esse processo tem contribuído para o acirramento do conflito territorial entre posseiros e índios que é evidente no município de Palmeira dos Índios, e conseqüentemente para a disseminação de discursos de negação do índio na região.

Destarte, como dito acima, embora a invisibilidade tenha sido uma estratégia muito útil no que tange à preservação dos costumes dos índios, servindo para manter em sigilo costumes e práticas que eram “perseguidas”, a suposta situação de inexistência de índios na região que fora criada com o silenciamento passou a ser usada como argumentos por posseiros e por pessoas avessas aos povos indígenas.

Tal argumento é forjado a partir da disseminação de imagens estereotipadas na educação das crianças palmeirenses, bem como pela falta de discussão sobre a temática indígena, nas escolas do município. Em vista disso, a ignorância se sobressai, quando da formação das imagens e impressões sobre os Xukuru-Kariri, pois ao aprender e transmitir a ideia de que os índios são seres exóticos e distantes, temporalmente, criam-se estereótipos que se arraigam na sociedade.

Assim, com uma transmissão constante de rótulos étnicos, fortificada por uma educação acrítica e muitas vezes desconectada com a realidade local, o índio da atualidade

não é percebido em suas singularidades, e sim a partir de projeções errôneas e preconcebidas. A respeito disso Monteiro afirma que.

[...] a crescente visibilidade dos índios nos últimos anos tem deixado a sociedade brasileira um tanto perplexa. Aprende-se, desde pequeno, que os índios são coisa do passado, não propriamente da história, mas antes de uma distante e nebulosa pré-história. (MONTEIRO, 1999, p. 237)

Um dos argumentos mais utilizados é o de que não existem mais índios no município e aqueles que auto-afirmam índios são apenas ‘proveitadores’, isto é, pessoas que se dizem indígenas pelo interesse em ‘ganhar terra’. Essa afirmação parte do pressuposto de que não se pode falar em índio na região, pois os que se apresentam como tal não atendem às características tidas no imaginário local como aspectos definidores da condição de índio.

Entretanto, tal argumento não tem fundamentação histórica, sabemos que as terras que formariam o Brasil eram habitadas por povos que foram chamados de índios, e que tais terras foram invadidas por europeus que mataram, escravizaram e tentaram aculturar esses povos.

Sabe-se também que essa tentativa de ‘civilizar’ os nativos não deu certo, o que aconteceu foi uma troca cultural, onde os dois grupos perderam e adquiriram costumes. Ocorreram ressignificações culturais, a partir das quais os costumes e tradições foram modificados na transmissão, uma vez que a apropriação do que é transmitido também influencia, e por isso deve ser analisada, principalmente em relação à história indígena. (ALMEIDA, 2010). A respeito disso Edson Silva afirma que as novas discussões, iniciadas nos anos de 1980, proporcionaram:

[...] para uma concepção mais ampla de relações culturais diferenciadas em um contexto de dominação e violências culturais: a resistência cultural do cotidiano, através de gestos, práticas, atitudes que quebraram uma suposta totalidade, hegemonia de dominação colonial. (SILVA, 2002, p.40)

A ideia de que os índios iriam gradativamente ser absorvidos pela chamada civilização e deixar de existir não tem sustentação em uma realidade na qual a população indígena vem crescendo em um nível considerável. Bem como afirmando sua cultura e exigindo seus direitos, desmistificando a teoria que afirma que os índios estavam em

processo de inevitável desaparecimento, entretanto, os povos indígenas tem sobrevivido, através de uma “resistência adaptativa”, e lutado por seus direitos, pois, segundo Almeida:

[...] participar intensamente da sociedade dos brancos e aprender seus mecanismos de funcionamento não significa deixar de ser índio e sim a possibilidade de agir, sobreviver e defender seus direitos. São os próprios índios de hoje que não nos permitem mais pensar em distinções rígidas entre índios aculturados e índios puros.

Essa ideia assimilacionista, que se iniciou com a colonização e mais recentemente teve maior incentivo no século XX, principalmente no período da ditadura civil militar brasileira, passou a ser amplamente questionada a partir da década de 1980, com a promulgação da carta constituinte de 1988, que garantiu ao índio, pela primeira vez na história do Brasil, o direito à diferença.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las proteger e fazer respeitar todos os seus bens.  
(BRASIL, 1998, p. 46)

Todavia, apesar de a demarcação de terras tradicionais dos índios ser garantida por lei, no município de Palmeira dos Índios, a resistência à demarcação é muito forte. Alguns posseiros e opositores afirmam que os Xukuru-Kariri não são índios, pois não se comportam como tal, isto é, como eles julgam que seja o comportamento de índios; morar em malocas, andar nu, etc. A respeito disso, a índia Suyane, afirma que:

O ser humano evolui na medida em que os anos vão passando e a partir de sua evolução vão transformando seu espaço. Da mesma forma nós índios somos seres humanos e evoluímos, não somos incapazes como é a concepção de muitos. [...] alguns povos indígenas vivem em aldeia, na mata [...]. Esse não é o nosso caso, índios do Nordeste, vivemos em casas de tijolos, usamos roupas de tecidos nos alimentamos de uma diversidade de comidas trazidas por vários povos. (MOREIRA, PEIXOTO e SILVIA, 2008. p.80,81)

Percebemos na fala de Suyane uma inquietação quanto à questão dos estereótipos ainda existentes sobre os índios. Ela enfatiza muito bem que tal como qualquer grupo humano, os índios do Nordeste não vivem isolados e estão sim sujeitos a influências e a

trocas culturais, entretanto isso não significa que eles irão perder sua identidade, trata-se do ato de adquirir costumes e práticas do não-índio que possam possibilitar melhorias de vida e meios mais eficazes de alcançar direitos que lhes são negados.

### **Da Mata À Vitrine: O Museu Xucurus de História, Artes e Costumes**

A cidade de Palmeira dos Índios conta com a presença de dois museus, A Casa Museu Graciliano Ramos, e o Museu Xucurus de História, Artes e Costumes. O primeiro é um espaço para a preservação da imagem do escritor Graciliano Ramos, que é motivo de orgulho para a população palmeirense. Já o segundo, idealizado por Luiz B. Torres, é um ambiente para a exposição de peças de origem indígena, bem como os mais diversos objetos, que são julgados como portadores de valor histórico para a cidade.

O Museu Xucurus, tal como qualquer espaço de cultura e representação social da cidade de Palmeira dos Índios, não foge do raio de influência das posições ideológicas que envolvem a questão indígena no município. Trazendo em sua nomenclatura uma referência ao povo Xukuru-Kariri, o Museu torna-se um ponto indispensável no estudo da imagem construída sobre os índios no município.

Analisando a consolidação das pesquisas sobre os índios do nordeste, debatendo sobre as dificuldades de definição do real caráter desse índio, sobre qual imagem ele terá, e de como os povos indígenas do Nordeste foram denominados, e representados (principalmente em museus), João Pacheco de Oliveira afirma que mesmo com a existência de núcleos de pesquisa sobre os povos indígenas do nordeste:

[...] a etnologia indígena não possuía o mesmo poder de atração das investigações sobre as religiões afro-brasileiras, a arqueologia ou o folclore e mesmo as incursões dos catedráticos que estavam referidos à lingüística e à antropologia social, não deixaram de abordar em suas teses e comunicações as temáticas indígenas através do viés do passado. Isso refletia ainda com mais clareza nos museus, onde as culturas indígenas eram representadas seja por meio de peças arqueológicas e relações que viveram no Nordeste, seja por coleções etnográficas trazidas de populações atuais do Xingu ou da Amazônia. (Oliveira, 1997, p. 50,51)

Em vista disso, podemos considerar os museus como espaço onde as tensões e os posicionamentos a respeito da questão indígena podem ser analisados em suas sutilezas, visto que os museus, enquanto espaço de representação histórica e cultural que é controlado por determinado grupo ou setor burocrático da administração pública, refletem

a situação histórica específica de cada sociedade. A respeito do caráter, e do sentido que um museu tem, considerando-o como uma construção que não foge ao meio de influência em que se erige, Peixoto afirma:

O estudo do patrimônio cultural através da leitura dos acervos fotográficos e de museu vem criar a possibilidade de (re) escrever vários eventos da história, o que torna o museu um lugar de destaque enquanto espaço privilegiado que guarda memórias de grupos silenciados como negros e índios. Assim como a identidade nacional é abordada por diferentes estudiosos sob diferentes óticas, a identidade local também é definida diversamente. (PEIXOTO, 2013, p.26)

Como enfatiza o autor, embora o museu seja um espaço para a preservação das memórias coletivas de grupos que muitas vezes são excluídos da história oficial, eles também são uma construção, isto é, são erigidos e organizados a partir de uma determinada visão de mundo.

Em circunstâncias em que questões envolvendo um grupo étnico ‘minoritário’, como os Xukuru-Kariri, em detrimento de um grupo maior e dominante (população palmeirense não-indígena), a memória que o museu pode perpetuar e transmitir torna-se um instrumento de poder, usado para disseminar estereótipos que fortalecem o argumento das elites. Segundo Mário de Souza Chagas, os museus:

[...] tendem a se constituir em espaços pouco democráticos onde prevalece o argumento de autoridade, onde o que importa é celebrar o poder ou o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos. [...] O poder, por seu turno, nestas instituições, é concebido como alguma coisa que tem locus próprio, vida independente e está concentrado em indivíduos, instituições ou grupos sociais. (CHAGAS apud CHAVES, 2014, p.12)

Seguindo o pensamento de Chagas cabe destacar que o Museu Xucurus se trata de um lugar onde a ótica do ‘dominador’ predomina, visto que os Xukuru-Kariri não se vêem representados por ele. A imagem passada pelo Museu a respeito dos índios do município de Palmeira não representa os Xukuru-Kariri da atualidade, ela faz referência apenas ao índio do passado, retratado como um ser lendário e folclórico.

Tal iniciativa é resultado da tentativa de descaracterizá-lo, transmitindo, mesmo que de forma sutil, a ideia de que os verdadeiros índios (puros) existiram apenas no momento da formação da cidade, transformando-os assim em uma “peça de museu” (CHAVES, 2014). Portanto, devemos sim considerar os museus como um instrumento



importante na preservação de artefatos históricos, onde cabem os mais variados grupos étnicos, mas não podemos deixar de analisá-los com o olhar crítico do historiador, todo e qualquer documento, que pode ser usado como fonte, porém, deve ser considerado como uma construção que não é livre de interesses particulares ou de grupos.

### **O Roubo de uma Imagem: o índio como atrativo comercial**

Palmeira dos Índios passa a ideia de ser uma cidade portadora de uma rica cultura, e de uma história singular. Seus anos de ‘glória’ comercial, quando a produção de algodão a tornou um dos centros comerciais mais importantes do estado, lhe legaram o título de princesa do sertão. Além da importância econômica, destacam-se também, na história da cidade, figuras que compõem tal imagem, tais como Graciliano Ramos, Jofre Soares e Luiz B. Torres.

No plano cultural, podemos destacar a presença de dois museus; o Museu Xucurus de Artes e Costumes, e a Casa Museu Graciliano Ramos. Na história cultural do município destacam-se também os extintos cinemas, que eram muito frequentados e reconhecidos na região. Contudo, é a presença indígena, intrinsecamente ligada à formação e a singularidade cultural de Palmeira, que destaca o município.

A presença inegável do povo Xukuru-Kariri no momento de formação da cidade é citada pela história local, bem como por estudiosos que se propõem a pesquisar sobre o município. Os índios estão presentes no imaginário dos palmeirenses, servindo de inspiração para a literatura local, caracterizada numa lenda a respeito da fundação da cidade que é protagonizada por índios Xukuru-Kariri, e de ‘modelo’ para representações imagéticas e culturais da cidade.

Ainda se destaca o fato de muitos estabelecimentos comerciais da cidade receberem nomes que fazem referência aos Xukuru-Kariri. Denominações como; Posto Xucurus, Papelaria Kariri, drogaria Xucurus, são utilizadas como forma de atração comercial, pois a projeção que tais denominações trazem, representam um exaltação do índio enquanto ser de um passado mítico da cidade.

Existe um iminente paradoxo quanto à representação dos índios no município, pois ao mesmo tempo em que estes estão presentes nos ícones da cidade, não são reconhecidos como de procedência legitimamente indígena, tampouco seu direito a uma cultura singular e a posse de suas terras tradicionais é garantido.

O índio que é descrito na lenda, citado na história, esculpido e posto em local público ou pintado na bandeira do município, não representa o verdadeiro indivíduo que vive nessa região desde o século XVII. A idealização consiste num apego à imagem do índio do passado, do momento da colonização, que é transmitida pelos palmeirenses através das gerações.

Isso se deve ao intenso processo de exclusão do índio da historiografia brasileira iniciado no período colonial e que se estendeu ao período da ditadura militar, pois “o interesse pela história dos índios se choca com posturas historiográficas arraigadas desde longa data, que desqualificam os índios enquanto atores históricos legítimos ou, quando muito, os deslocam para um passado remoto.” (MONTEIRO, 1999, p. 239)

Assim, ao aprender que o índio deve apresentar determinadas características, e que são seres do passado, desenvolve-se uma ‘rejeição’ ao índio da atualidade, descartando todo o processo social e histórico pelo qual esse povo passou.

Tais representações podem ser entendidas como uma materialização do estereotipo do índio do passado, que está preso à imagem genérica e simplista criada por cronistas e viajantes europeus que descreveram o exotismo desses povos. Assim, tais representações, além de fugirem da realidade local, caracterizam-se pela negação de todo o processo histórico de perseguição e imposição cultural à qual os povos indígenas brasileiros foram submetidos.

Podemos, a partir disso, constatar que existe um grande distanciamento entre as representações imagéticas locais, presente na imagem da bandeira oficial do município, em alguns pontos comerciais e no próprio Museu Xucurus, e a realidade atual do povo Xukuru-Kariri de Palmeira dos Índios. Esse distanciamento torna-se preocupante, à medida que a ideia de um índio exótico muitas vezes se sobressai sobre a imagem dos índios Xukuru-Kariri que vivem atualmente no município.

### **Considerações finais**

Em vista do que foi discutido até aqui, acerca das concepções e da utilização da imagem dos Xukuru-Kariri no município de Palmeira dos Índios, podemos perceber o quanto tal debate é importante, uma vez que contribui para a um esclarecimento sobre a reformulação do conceito de índio, que se faz urgente na atualidade. É preciso deixar claro que o índio idealizado, o bom selvagem, não pode ser procurado no nordeste brasileiro,

pois o processo de colonização e de tentativa de aculturação se deu de forma pioneira e mais intensiva, nessa região.

A população de Palmeira dos índios é um exemplo de como as elites latifundiárias podem disseminar imagens distorcidas sobre os povos indígenas, principalmente quando da existência de conflitos territoriais. A descaracterização dos Xukuru-Kariri, pautada no apoio em uma idealização que foge da realidade, se dá principalmente pela falta de discussão e de visibilidade aos índios do município.

Assim, por não conhecer a singularidade da cultura indígena, nem se interessarem em conhecer mais sobre esses povos, muitas pessoas se deixam influenciar por argumentos dos posseiros e passam a contribuir para a consolidação de uma imagem estereotipada sobre o povo Xukuru-Kariri.

Igualmente, podemos perceber que os reflexos do conflito territorial perpassam o plano físico, onde a disputa por terra atinge climas tensos, alcançando o plano das concepções imagéticas. Tais concepções contribuem para a fortificação da forma ambígua como os índios são vistos e retratados no município de Palmeira dos Índios, principalmente no Museu Xucurus, que proporciona uma representação que não foge da influência do conflito territorial.

Onde, ora são tratados como personagens lendários, presentes nos anos iniciais da composição do município, e servindo como componente cultural que dá sustento à imagem da cidade e de pontos comerciais e turísticos, ora são tratados como interesseiros e inimigos do povo, que estariam visando à posse de terras. Diante disso, fica evidente a dificuldade que uma pesquisa sobre uma temática tão complicada evidentemente enfrenta.

### **Referência bibliográfica**

ANTUNES, Clóvis. **Wakona-Kariri-Xukuru:** aspectos Sócio-antropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas. Universidade Federal de Alagoas: Imprensa universitária, 1973.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 168 p.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL** Texto promulgado em 05 de outubro de 1988, Artigo 231.

CHAVES, Julio César. **“Eu não queria que índio se tornasse peça de museu”** – polifonias dos Xukuru Kariri sobre museus. Maceió, 2014 (não publicado).

MOREIRA, Ana Cristina de Lima; PEIXOTO, José Adelson Lopes; SILVA, Tiago Barbosa da. **Mata da Cafurna: Ouvir Memória e Contar História: Tradição e Cultura do Povo Xucuru-Kariri.** Maceió: Edições Catavento, 2008.

MONTEIRO, John Manoel. **Armas e Armadilhas: história e resistência dos índios.** In NOVAES, Adauto (org). **A outra margem do ocidente.** São Paulo, Companhia da Letras, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **Falando dos índios.** [apresentação Eric Nepomuceno]. - Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UnB, 2010.

GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi **Índios no Brasil** (org.). Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.

SILVA, Edson Hely. **POVOS INDIGENAS NO NORDESTE: Contribuição a Reflexão Histórica Sobre o Processo de Emergência Étnica.** Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme>> acesso em 22 de novembro de 2015.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando Sentidos: Os Xucuru-Kariri e o Serviço de Proteção aos Índios no agreste alagoano.** Maceió: Edufal 2013.

OLIVEIRA, João Pacheco de. FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais.** Mana, vol.4, n°.1, p.47-77, Abr. 1998.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Memórias e imagens em confronto: os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá / José Adelson Lopes Peixoto.**-- João Pessoa, 2013.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **O Visível E O Dizível: A Imagem Do Povo Xucuru-Kariri Sobre Palmeira Dos Índios,** 2011(não publicado).

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silencio. IN: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

TORRES, Luiz B., **Apresentação** IN: ANTUNES, Clovis. **Wakona-Kariri-Xukuru: aspectos Sócio-antropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas.** Universidade Federal de Alagoas: Imprensa universitária, 1973.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.